

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7546-058-0



9 788575 460580

# ORGANIZAÇÃO SOCIAL E CRENÇAS DOS BOTOCUDOS DO LESTE DO BRASIL

Curt Nimuendajú

Programa de Revitalização  
das Línguas Indígenas  
no Estado de São Paulo

**INDIOMAS**

Conhecimento de Línguas Indígenas e Línguas de Sinais

UNICAMP



**Kamuri**

Indigenismo e Sustentabilidade





**Organização social e crenças dos  
Botocudos  
do Leste do Brasil**

**Curt Nimuendajú**



# ORGANIZAÇÃO SOCIAL E CRENÇAS DOS BOTOCUDOS DO LESTE DO BRASIL

**Curt Nimuendajú**



Brasília, 2018



*Organização social e crenças dos Botocudos do Leste do Brasil*  
Curt Nimuendajú

Presidência da República: Presidente Michel Temer  
Ministério da Justiça: Ministro Torquato Jardim  
Fundação Nacional do Índio - FUNAI  
Presidente: Wallace Moreira Bastos  
Coordenação Regional Litoral Sudeste - CR-LISE  
Coordenador Regional: Cristiano Vieira Gonçalves Hutter

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL – Unicamp**  
CRB 8/7171

N618o

Nimuendajú, Curt, 1883-1945

Organização social e crenças dos Botocudos do Leste do Brasil / Curt Nimuendajú; tradutor: Pedro Ternes Frassetto; revisor: Wilmar da Rocha D'Angelis. Brasília, DF: FUNAI, 2018.


48 p. : il.

ISBN 978-85-7546-058-0

Tradução de: Social organization and beliefs of the Botocudo of Eastern Brazil (1946).

1. Índios da América do Sul – Brasil. 2. Índios Botocudos - Cultura. 3. Índios Botocudos – Ritos e cerimônias. 4. Etnologia – Brasil. I. Frassetto, Pedro Ternes, 1996-. II. D'Angelis, Wilmar, 1957-. III. Título.

CDD: 980.41



Hoje nós temos a vantagem de tantos estudos antropológicos sobre cada uma das nossas tribos, esquadrinhadas por centenas de antropólogos que estudam desde as cerimônias de adoção de nome até sistemas de parentesco, educação, arquitetura, conhecimento sobre botânica. Esses estudos deveriam nos ajudar a entender melhor a diversidade, conhecer um pouco mais dessa diversidade e tornar mais possível esse contato.

Me parece que esse contato verdadeiro, ele exige alguma coisa além da vontade pessoal, exige mesmo um esforço da cultura, que é um esforço de ampliação e de iluminação de ambientes da nossa cultura comum que ainda ocultam a importância que o Outro tem, que ainda ocultam a importância dos antigos moradores daqui, os donos naturais deste território. A maneira que essa gente antiga viveu aqui foi deslocada no tempo e também no espaço, para ceder lugar a essa ideia de civilização e essa ideia do Brasil como um projeto (...).

Essa capacidade de projetar e de construir uma interferência na natureza, ela é uma maravilhosa novidade que o Ocidente trouxe para cá, mas ela desloca a natureza e quem vive em harmonia com a natureza para um outro lugar, que é fora do Brasil, que é na periferia do Brasil. (...)

A ideia mais comum que existe é que o desenvolvimento e o progresso chegaram naquelas canoas que aportaram no litoral e que aqui estava a natureza e a selva, e naturalmente os selvagens. Essa ideia continua sendo a ideia que inspira todo o relacionamento do Brasil com as sociedades tradicionais daqui; então, mais do que um esforço pessoal de contato com o Outro, nós precisamos influenciar de maneira decisiva a política pública do Estado brasileiro.

*Ailton Krenak*<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> *O Eterno Retorno do Encontro* (1999). Disponível em: <https://www.geledes.org.br/narrativa-krenak-o-eterno-retorno-do-encontro/>





## NIMUENDAJÚ SOBRE OS BOTOCUDOS: UM ARTIGO DE INTERESSE DOS KRENAK

Curt Nimuendajú conviveu com dezenas de povos indígenas brasileiros, entre os anos de 1905 (dois anos após sua chegada ao Brasil, com 20 anos de idade) e 1945, ano de sua morte em uma aldeia Tikuna, no Alto Solimões.

Registrado como Kurt Unkel, na Alemanha (1883), foi batizado como Nimuendajú pelos Apapokuva (Nhandewa) Guarani de Araribá, no Oeste Paulista. Deixou seu sobrenome alemão (e aportuguesou o Kurt para Curt) ao naturalizar-se brasileiro na década de 1920.

Entre as muitas notas etnográficas e linguísticas que permaneciam inéditas quando faleceu, estavam suas notas sobre a organização social e crenças dos *Botocudos*, resultado de uma viagem de pesquisas de Nimuendajú a algumas aldeias de Minas Gerais no ano de 1939. Essas notas, escritas em alemão, estavam em poder de um amigo e colaborador de Nimuendajú, o antropólogo Robert Lowie, professor na Universidade da Califórnia (em Berkeley, Estados Unidos). Lowie traduziu o texto para o inglês, introduziu algumas informações e notas de rodapé, e o publicou, com o nome de Nimuendajú, em uma revista de Antropologia (publicada pela Universidade do Novo México), no ano seguinte ao da morte do autor.<sup>2</sup>

Em 2017, realizando uma Oficina de Revitalização da Língua Krenak, na Aldeia Vanuíre (Oeste Paulista), apresentamos algumas partes desse texto de Nimuendajú aos participantes da oficina. Eles ficaram tão impressionados e interessados,

---

<sup>2</sup> *Social Organization and Beliefs of the Botocudo of Eastern Brazil*. *Southwestern Journal of Anthropology*, vol. 2, n.º. 1 (Spring, 1946), p. 93-115.

que nos comprometemos a realizar a tradução e disponibilizá-la para eles e para os demais Krenak (de Minas Gerais).

Quem se encarregou, efetivamente, da tradução, foi Pedro Ternes Frassetto, aluno do Bacharelado em Linguística na UNICAMP, e meu orientando em uma pesquisa de Iniciação Científica apoiada pela FAPESP (Processo: 2016/07783-9). Propusemos, então, à FUNAI (ou mais especificamente, à Coordenação Regional Litoral Leste da FUNAI, sediada em Itanhaém), que a publicação desse trabalho de Nimuendajú pudesse ser custeada com recursos do programa de revitalização das línguas indígenas no Estado de São Paulo (programa desenvolvido em parceria do Grupo de Pesquisa INDIOMAS com a ONG Kamuri e com a FUNAI), para ser disponibilizado às comunidades Krenak. O resultado do apoio recebido é a presente publicação.

*Wilmar R. D'Angelis*<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Linguista e Indigenista. Professor no Departamento de Linguística da UNICAMP.





# ORGANIZAÇÃO SOCIAL E CRENÇAS DOS BOTOCUDOS DO LESTE DO BRASIL<sup>4</sup>

*Curt Nimuendajú*<sup>5</sup>

## INTRODUÇÃO

O termo “Botocudo” tem sido aplicado a três povos completamente distintos:

(1) Os *Borum*<sup>6</sup>, para usar a autodenominação deles<sup>7</sup>, oficialmente designados pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI) como Aimoré. Esse povo, visitado pelo Príncipe Maximilian-Wied-Neuwied e por Manizer, constitui o assunto das presentes notas. Antigamente eles viviam desde o sul do Rio Pardo para

---

<sup>4</sup> A digitação deste artigo foi realizada pelo pessoal da *Works Projects Administration Official Project No. 665-08-3-30, Unit A-15*. A tradução a partir do manuscrito em alemão se deve a Robert H. Lowie, quem também incorporou algumas informações retiradas da sua correspondência com o autor e algumas referências a outros autores. O autor [Curt Nimuendajú], contrariando o conselho de seu médico, empreendeu outra expedição aos Tikuna do Alto Amazonas, entre os quais morreu em dezembro de 1945. [R.H.L.]

<sup>5</sup> Tradução: Pedro Ternes Frassetto. Revisão: Wilmar R. D'Angelis. A autoria das notas de rodapé é indicada por: R.H.L. = Robert Lowie; N.T. = Notas do Tradutor; e N.R. = Notas do Revisor da Tradução.

<sup>6</sup> Nota sobre a ortografia: O acento agudo sobre a vogal indica tonicidade; o til sobre a vogal indica nasalidade; um pequeno gancho virado para a direita sob a vogal indica que ela é pós-palatal. Devido à limitação dos tipos disponíveis, em alguns casos, acento e til seguem a vogal. Pelo mesmo motivo, *O•* é substituído por *ō* (como no alemão *ohne*); *š* equivale ao inglês *sh* e *č* equivale ao espanhol *ch*. [nota do editor do *Southwestern Journal of Anthropology*]

<sup>7</sup> Desde o século XX, se autodenominam Krenak, sendo *borum* a palavra genérica para “índio” na língua Krenak. [N.T.]

além do Rio Doce, nos estados da Bahia, Minas Gerais e Espírito Santo. Até o momento, considero sua língua isolada.

(2) Os *Botocudos de Santa Catarina* e de parte vizinha do Paraná. Esses são os “Kaingang” de Jules Henry<sup>8</sup>, os quais considero parentes dos verdadeiros Kaingang, mas não idênticos a eles, nem na fala nem na cultura. Eles são divididos em dois subgrupos. O maior, visitado por Henry em 1932-1934, vive em Santa Catarina, no Posto Duque de Caxias, do SPI.<sup>9</sup> O outro, localizado no Posto de São João [dos Pobres - N.R.], do SPI, um pouco ao sul de Porto União, no Paraná, compreendia, segundo H. Baldus, cerca de doze indivíduos há cinco anos, mas já deve ter se extinguido. Linguisticamente, esse povo, que nunca visitei, se encontra classificado como Jê do Sul, que também inclui os Kaingang, os Guaianã e os Ingain.<sup>10</sup>

(3) Os *Botocudos*, entre o médio Rio Ivaí e o Rio Piquiri, no Estado do Paraná. Eles são chamados *Kúru-tõ* pelos Kaingang e *Ivaparé* pelos Guarani. Eles coincidem com os Aré de Telêmaco Borba, com os Noto-Botocudos de H. von Ihering e com os Xetá de V. Frič. Esse povo é nômade, não é guerreiro e é muito tímido. Eles nunca foram cientificamente estudados. Em 1912, vi dois prisioneiros dessa tribo entre os Kaingang do rio Ivaí. A língua deles revelou ser Guarani.

---

<sup>8</sup> Trata-se dos Xokleng/Laklãnõ. [N.T.]

<sup>9</sup> Atualmente, Terra Indígena Laklãnõ. [N.R.]

<sup>10</sup> A ortografia de alguns nomes foi atualizada ou escrita de forma mais clara. O som [t̃], grafado como *ç* por Nimuendajú, foi aqui escrito com *th* para seguir a ortografia atual dos Krenak. [N.T.]. Sobre as quatro etnias e línguas que compunham os Jê do Sul, ver a dissertação de Marcelo P. de Valhery Jolkesky, “Reconstrução Fonológica e Lexical do Proto-Jê Meridional” (IEL-UNICAMP, 2010). [N.R.]

## Amostras da fala de três grupos “Botocudos” não relacionados<sup>11</sup>

	Guarani	Botocudo (Ivaí)	Botocudo (Rio Doce)	Botocudo (S.Catarina)	Kaingang (São Paulo)
<i>Sol</i>	kwarahí	pái	tepó	la	rã
<i>Lua</i>	dya+sí	pái	mōyák	koičó	kĩšá
<i>Fogo</i>	tatá	tatá	čompek	peñ	pĩ
<i>Água</i>	ĩ	ĩ	māyán	ñgoio	gǔ'yo
<i>Cabeça</i>	akã'	akã'	kren	kreñ	krĩ
<i>Olho</i>	tetsá	tečá	keťóm	kuná	kané
<i>Orelha</i>	nambí	nambí	híðñón	niñgná	niñgrẽ
<i>Boca</i>	dyurú	yurú	kiyapikí	nyatkú	yantkĩ
<i>Nariz</i>	apĩgwá	čapĩtá	kayídn	neyá	ninyá'
<i>Língua</i>	kũ	kũ	kiyičóg	nuná	noné
<i>Dente</i>	tã'i	tã'i	kiyúdn	iyá	inyä
<i>Mão</i>	po	po	po	niñgá	niñgé
<i>Pé</i>	pĩ	pĩičá	po	pan	pen
<i>Casa</i>	tapĩi	tapĩi	kiyém	en	in

Em março de 1939, ouvi em Teófilo Otoni que aqueles que restavam da tribo Poyixá dos Botocudos ainda estavam vivendo no alto Rio São Mateus. Em Itambacuri, 40 km ao sul de Teófilo Otoni, encontrei um homem que conhecia pessoalmente todos

<sup>11</sup> Na tabela desta página a ortografia do original foi mantida. [N.T.]

os sobreviventes. Ele disse que havia quatro mulheres de sangue puro, todas relativamente novas, casadas com neo-brasileiros e morando longe umas das outras a cerca de 8 a 10 léguas para o leste. A notícia tornava inútil uma visita aos Poyixá. Essa tribo provavelmente foi a última a abandonar as hostilidades contra o governo (por volta de 1910).

Em Itambacuri mesmo, vive apenas meia dúzia de mestiços e três índias velhas de sangue puro, das quais somente duas estavam de fato lá no período da minha estadia. Uma era da tribo Aranánj e a outra era da tribo Potéj. A última pôde me ajudar como informante. Ela me deu sua genealogia e seu parentesco, além de me explicar certas regras dos casamentos. Em contraste com o que afirmou Manizer, ela considerava tabu todo tipo de casamento entre primos e negava que casos de poliginia estivessem ligados a levirato ou sororato.<sup>12</sup> Ela não pôde compreender a ideia de evitação dos sogros.<sup>13</sup>

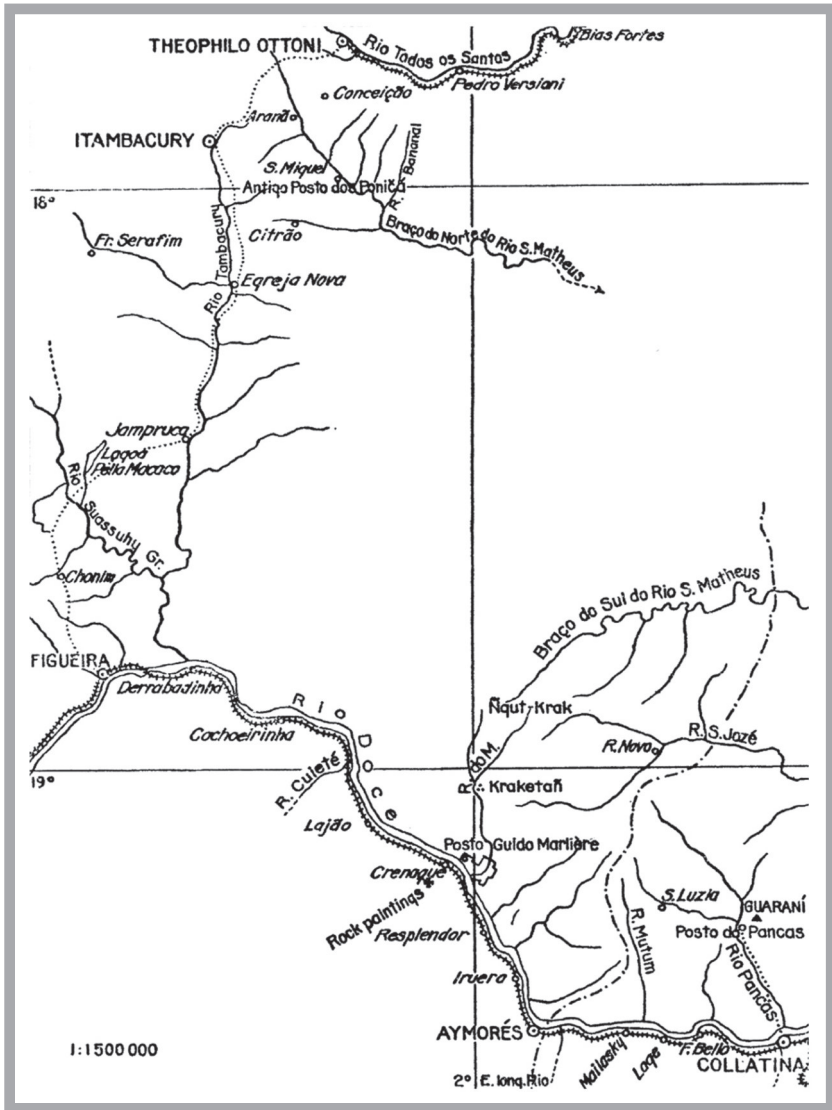
Passando dos Botocudos do Norte para aqueles do Rio Doce, encontrei dois postos do SPI: Guido Marlière, diretamente na margem esquerda do rio, perto da estação ferroviária *Crenaque*, no Estado de Minas Gerais; e Pancas, 44 km ao norte de Colatina, na mesma estrada de ferro, no Estado do Espírito Santo. Em Guido Marlière há 35 Botocudos da tribo Nakrehé, a qual habitava originalmente a região do Rio Manhuaçu, ao sul do Rio Doce. Entretanto, eles não preservaram nada de sua cultura ancestral, exceto a fala. No Posto, há ainda outros seis Botocudos, sobreviventes de tribos que viviam antigamente no lado norte do rio, sendo três Thonvúgn (tribo Krenak), dois Naktúnj e um Nakpie (Ngut-krak).

---

<sup>12</sup> Os termos “*poliginia*”, “*sororato*” e “*levirato*” são esclarecidos nas notas 27 e 28, adiante. [N.R.]

<sup>13</sup> Em muitas culturas indígenas há *regras de evitação*, pelas quais, uma nora ou genro nunca dirigem a palavra diretamente aos respectivos sogro ou sogra. [N.R.]





Área no leste do Brasil ocupada pelos Botocudos.

Os Thonvúgn são os filhos do falecido chefe Muĩ' (chamado de Mouni, por Manizer), o qual ainda usava botoques nas orelhas, andava nu, tinha duas esposas e mantinha relações com espíritos *marét*, na época da visita do etnógrafo russo.<sup>14</sup> Sua filha e seu filho mais velho não foram úteis como informantes, pois tinham vergonha do passado de seu povo; assim não quiseram falar a respeito. Porém o filho mais novo tinha claramente um temperamento religioso e forneceu diversas informações, apesar de certa vergonha. No entanto, o mais valioso como informante foi Hḡnát, o último dos Nakpie. Infelizmente seu português era tal que fui obrigado a chamar Jorge, um dos Nakrehé mais "civilizados", como intérprete depois de vários outros terem falhado completamente nessa tarefa. Hḡnát rapidamente entendeu a natureza dos meus interesses e começou a contar histórias de espíritos, aparições, etc. Suas narrativas eram limitadas a breves episódios, mas o conjunto (cerca de trinta narrativas) transmite alguma noção da antiga religião Botocudo.

Essas narrativas divergem radicalmente daquelas dos índios que eu havia visitado anteriormente, por isso não pude encontrar nenhum indício de culto aos mortos ou de demônios, nem mitos sobre os astros ou sobre a origem dos animais. Eles acreditam em uma raça celestial antropomórfica, os *marét*, que são bem intencionados com respeito aos humanos (cf. abaixo).

As declarações de Hḡnát serão apresentadas da maneira como ele as fez. Eu me limitei a lhe fazer algumas perguntas após ele ter terminado suas observações, indagando sobre temas familiares, mas raramente obtive sucesso. Curiosamente, enquanto os Botocudos veem o Sol como um ser do sexo masculino, a Lua é considerada um ser bissexual.

---

<sup>14</sup> H. H. Manizer, *Les Botocudos d'après les observations recueillies pendant un séjour chez eux en 1915* (Archivos do Museu Nacional de Rio de Janeiro, vol. 22, 1919).

Também obtive uma pequena genealogia com quatro gerações, a qual, por um lado confirma e, por outro, amplia e revisa as afirmações de Manizer, uma vez que inclui pessoas também arroladas por ele, a fim de ilustrar condições sociológicas (Muñ, Berén, Iniat = Nya e Keprúk = Kaprúk).

Em Pancas, há treze Botocudos, dos quais apenas um pertence aos Minyáñ-yirúgn, que originalmente viviam ali; os demais são Nakrehé.



Chefe Botocudo e sua família. M. Wied-Neuwied, 1820  
(Litografia de S.Montaut. Paris: Firmin Didot frères et Cie, 1846)

## TRIBOS E GOVERNO

Os Botocudos não possuem uma designação genérica para si, pois, na língua deles, boruḡ [bo'ruḡŋ] denota qualquer indígena, independentemente da filiação tribal. Por outro lado, eles distinguem as diversas tribos de Botocudos, algumas das quais contêm vários bandos, cada qual sob o comando de um chefe especial.

Toda a região parece ter sido considerada como território tribal, dentro do qual os bandos podiam locomover-se à vontade. Em todo caso, as designações das tribos são principalmente topográficas:

Nak-pie	Terra de trabalho
Nak-tuḡ	Terra do formigueiro
Nak-rehé	Terra bonita
Ngut-krak	Rocha da tartaruga
Minyã-yirúgn	Água branca

Em abril de 1939, os sobreviventes Botocudos constituíam os seguintes grupos:

(a) Próximo a Itambacuri	
<b>Naknyanúk, Aranã', Poyithá</b>	10
(b) Posto Guido Marlière, no Rio Doce	
<b>Naktúḡ, Nakpie, Thonvúgn, Minyã-yirugn</b>	8
<b>Nakrehé</b>	<u>50</u>
	68

Originalmente, os Naknyanúk viviam no alto Rio Mucuri; os Aranã', no Rio Suaçuí; os Poyithá (Jiporok), em ambas as



margens do médio Rio Mucuri, do Rio São Mateus ao Jequitinhonha; os Naktún, os Nakpie e os Thonvúgn (Krenak), ao norte do Rio Doce, em Minas Gerais; os Minyã-yirugn, na área do Rio Pancas, no Espírito Santo; e os Nakrehé, ao sul do Rio Doce, na região do Rio Manhuaçu.

Meus informantes mencionaram duas tribos semi-lendárias. A primeira, dos antropófagos Tombrék, do interior das florestas ao norte do Rio Doce, dos quais se dizia que não possuíam cabanas e, por isso, moravam entre as grandes raízes tubulares das árvores de gameleira. Raulino contou que a tribo era formada somente por homens. A segunda era a dos Poyekręgn, também chamados Nem-rõn por conta de seus arcos compridos. Eles são caçadores pacíficos, mas costumam sequestrar crianças. De acordo com Raulino, geralmente eles não são vistos, mas certa vez seu pai os tinha avistado perambulando atrás dele na floresta. Eles o chamaram e o presentearam com um dos dois veados que haviam caçado.

Dentre os Botocudos, o “mais forte” sempre foi o líder, como dizem os índios até hoje. No entanto, “força” não implica força física (*nyipmrõ*), mas poder sobrenatural (*yikegn*). Todos os chefes cujos nomes obtive eram *yikegn*, como constatei em depoimentos explícitos.

Dois fatos sugerem que os antigos chefes eram responsáveis em maior medida pelo bando que conduziam, se comparados aos chefes de outras tribos. Em primeiro lugar, toda uma série de nomes de chefes Botocudos chegou até nós, ao passo que a literatura não registra um nome sequer de chefes de tribos vizinhas. Além disso, várias tribos e bandos Botocudos receberam o nome de seus líderes. Em segundo lugar, é impressionante o número desproporcionalmente grande de líderes que foram vítimas de vinganças sangrentas devido às rivalidades do passado; é como se eles fossem considerados os únicos responsáveis. Hãnat me deu uma lista de onze líderes das tribos de Nakpie e

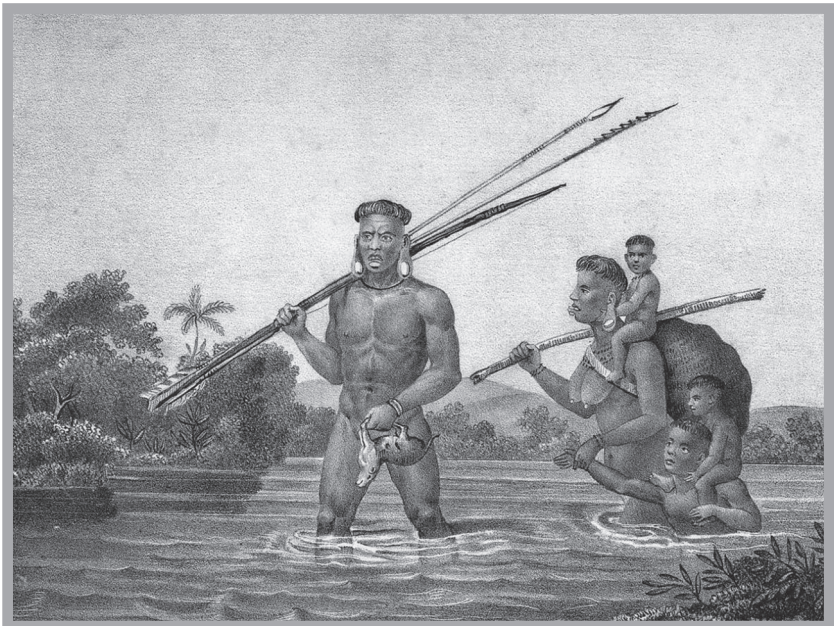
Thonvúgn. Desses, oito foram assassinados – Biyá'n, Ketk, Nutniũ', Tethuk, Berén, Tomhé, Lim e Krenbá –, e três – Krenak, Muĩ' e Yukñiát – morreram doentes.

Uma das características mais marcantes da vida social entre os Botocudos era a lealdade às suas rivalidades de sangue, não só entre tribos diferentes, mas até entre bandos da mesma tribo. O ciúme por razões sexuais, altamente desenvolvido entre todos os Botocudos, era, sem dúvida, uma causa desse fenômeno, apesar de não ser a única nem a principal delas. Na maioria das vezes, os atos de vingança formavam uma cadeia sem fim, de modo que nenhuma das partes envolvidas era capaz de recordar a origem da rivalidade. Estranhamente, não tomei conhecimento de nenhum caso em que alguém houvesse sido morto por suspeita de bruxaria e esse assunto sequer apareceu nas narrativas que registrei. Os relatos a seguir foram os que obtive.

Ho'a, com mais quatro companheiros, foi até Kurík, um companheiro Nakpie. Tudo que ele queria era lhe pedir algumas bananas e voltar para casa, mas Kurík e três camaradas seus estavam armando uma emboscada ao longo do caminho. Kurík matou Ho'a e seu pai, e recomentou aos outros que fugissem se quisessem estar seguros. Durante um tempo, os sobreviventes contiveram sua raiva. Então, certo dia, dez deles fizeram uma visita amigável a Kurík. Cada um se posicionou atrás de um dos homens de Kurík e, ao ser dado um sinal previamente combinado, mataram a ele e a seus seguidores, com exceção de um, que conseguiu escapar.

Os Thonvúgn mataram O'raᅇ, pois tinham inveja de suas duas esposas, na companhia das quais O'raᅇ fora visitá-los. Entretanto, as viúvas não permaneceram lá, mas voltaram para suas famílias.

Os Nakpie e os Thonvúgn estavam vivendo juntos. Um homem Nakpie casou com uma mulher Thonvúgn. Quando as tribos se separaram, esse Nakpie permaneceu na tribo da esposa, onde foi morto. Quando os Nakpie se encontraram novamente com os Thonvúgn, fingiram amizade, mas os atacaram durante a noite e mataram todos, com exceção de oito pessoas. Depois, contudo, o número de Thonvúgn aumentou de novo.



Uma família de Botocudos em viagem. M. Wied-Neuwied, 1820  
(Litografia de Manuel Luís da Costa, aprox. 1840)

## TERMOS DE PARENTESCO

A lista a seguir foi obtida de Cunigundes, uma das últimas sobreviventes da tribo Naknyanúk, em março de 1939. Ela pertencia ao bando do chefe Potén, o qual, em 1857, vivia a oeste de Teófilo Otoni e cujos remanescentes foram transferidos depois para a missão de Itambacuri.

<b>ngiopú'</b>	Mãe <sup>15</sup> , sogra (mulher falando), madrasta
<b>ngiopú'-andyák<sup>16</sup></b>	Irmã da mãe, irmã do pai, esposa do irmão da mãe, esposa do irmão do pai
<b>ngiké'n</b>	Pai <sup>17</sup> , sogro (mulher falando), padra <sup>18</sup>
<b>ngiké'n-andyák<sup>19</sup></b>	Irmão da mãe, irmão do pai, marido da irmã da mãe, marido da irmã do pai
<b>ngia'k</b>	Irmão <sup>20</sup> , irmã, primo, prima, meio-irmão, meia-irmã
<b>niņgrú'k<sup>21</sup></b>	Filho, filha, sobrinho, sobrinha, nora
<b>niņgedēnán'<sup>22</sup></b>	Neto, neta
<b>ngiyokén</b>	Esposo, esposa <sup>23</sup>

<sup>15</sup> Os Krenak da T.I. Vanuíre (Arco-Íris, SP) atualmente pronunciam *guiupú* [giw'pu], para 'mãe'. [N.T.& R.]

<sup>16</sup> Pronunciam *inguiupú-andhak* [an'd̥zak'] para 'tia'. [N.T.& R.]

<sup>17</sup> Pronunciam *guikan* [gi'kən] para 'pai' e *inguikān* para 'Deus'. [N.T.& R.]

<sup>18</sup> Pronunciam *niandhú* [ninɔn'd̥ɔu] para 'padra<sup>18</sup>/enteado'. [N.T.& R.]

<sup>19</sup> Pronunciam *anthak* [an't̥jak'] para tio. [N.T.& R.]

<sup>20</sup> Pronunciam *inguiák* para 'irmão'. [N.T.& R.]

<sup>21</sup> Pronunciam *ninkruk* ou *kruk* para 'filho/filha/sobrinho/sobrinha'. [N.T.& R.]

<sup>22</sup> Pronunciam *ninkitinan* para 'neto/neta'. [N.T.& R.]

<sup>23</sup> Pronunciam *thukan* para 'esposa'. [N.T.& R.]



<b>niandyú</b>	Sogro (homem falando), genro, cunhado, cunhada
<b>vovó</b>	Avós (do português <i>vovó</i> , <i>vovô</i> )
<b>ñikñinyám<sup>24</sup></b>	Avós (segundo um informante Nakpie, esse é o antigo termo indígena para <i>avós</i> )

[Informação acrescentada por Robert Lowie]:

O artigo de Manizer<sup>25</sup> não traz uma lista de termos de parentesco, mas faz várias afirmações sobre o assunto, que podem ser comparadas ao que foi exposto acima. De acordo com ele, primos homens são considerados irmãos de mesmo pai, mas de mães distintas; uma sobrinha e uma nora integram uma mesma categoria. Além disso, os sufixos *-nu* e *-na* aportam o significado de tio paterno e tia materna às palavras para pai e mãe, respectivamente. “Nisso, bem como na denominação particular do sobrinho, parece que é um costume dos Borum, assim como dos Chanê, Kaingang e Guarani: chamar as tias de mães, os tios de pais e os sobrinhos de filhos”.<sup>26</sup> Dizem que há diversas palavras para avô e neto. É muito interessante a afirmação de que os sogros são chamados “o avô (ou a avó) do meu filho”; em outras palavras, são designados tecnonimicamente (que é a prática de referir-se a um adulto por meio da relação desse adulto com uma criança).

A lista dada por Nimuendajú é, sem dúvida, incompleta, mas as declarações dele e de Manizer indicam, ao menos, uma tendência por um sistema de gerações. (R.H.L.)

<sup>24</sup> Pronunciam *inguiupú* para ‘avó’. [N.T.& R.]

<sup>25</sup> Manizer, *op. cit.*, p. 262 f.

<sup>26</sup> No artigo original, a frase citada está em francês: “*En cella comme dans l’appellation particulière du neveu, il semble que ce soit une coutume des Boruns, ainsi que des Chanês, Kaingang, Guaranyes, que d’appeler les tantes: mères, – les oncles: pères, –les neveux: enfants*”. [N.T.]

## CASAMENTO

Quando Yumkrén quis se casar com H̄anát, ela falou com o pai primeiramente, já que a mãe havia falecido. Ele lhe disse: “Filha, você está flertando com esse moço. Você quer se casar com ele?” Logo a seguir, ela foi até H̄anát e lhe contou que desejava se casar com ele. Então ele combinou os preparativos com o pai dela.<sup>27</sup>

A árvore genealógica registrada dá evidências de cinco casos de poliginia com sororato<sup>28</sup>, um de poliginia sem sororato e dois casos de levirato,<sup>29</sup> como segue:

O chefe, Tethúk, foi casado ao mesmo tempo com as irmãs Ambyík e Ngenúk, enquanto seu irmão, o chefe Krenak, foi casado com as irmãs Nyimdók, M̄yéb e Ngoén. O chefe Beréñ, marido das irmãs Yamyí e Nguté, se casou com uma terceira irmã, Murágn, depois da morte de Nguté. O chefe Muĩ´ foi casado ao mesmo tempo com as irmãs Tudn e Nya; já a irmã delas,

<sup>27</sup> Manizer menciona o oferecimento de presentes aos pais da moça e ao chefe. Ele também cita o caso de Tam, que matou uma capivara e a ofereceu a um homem em troca de sua filha. Contudo, ela só ficou com Tam por uma única noite. Manizer registra como algo normal que homens e mulheres troquem cônjuges. Como um caso especial, ele cita aquele de Muĩ´ e seu irmão Iniat, que trocaram de esposas porque uma delas desejava ser co-esposa junto com a irmã mais nova (*op. cit.*, p. 260 f.).

<sup>28</sup> *Poliginia* é o termo empregado em Antropologia para referir ao tipo de poligamia em que um homem se une, por casamento, a mais de uma mulher. *Sororato* é o caso em que a segunda esposa de um homem é uma irmã da primeira esposa (seja por viuvez, seja no caso de poliginia). Esse último caso também é chamado de *Poliginia Sororal*. [N.R.]

<sup>29</sup> *Levirato* é uma prática, observada em diversas culturas, que obrigava um homem a casar-se com a viúva de seu irmão quando este não deixava descendência masculina (o filho desse casamento era considerado descendente do falecido). [N.R.]

Uihák, se casou com outro índio. O'ráñ, que não era chefe, se casou com as irmãs Pangán e Karethú.

O chefe Yakíbm foi casado ao mesmo tempo com Keprúk e Guág, duas mulheres não aparentadas.

A poligínia, apesar de não ser restrita aos chefes, era mais frequente entre eles, ainda que nem todos tivessem mais de uma esposa.

O levirato é ilustrado pelos casos a seguir.

Quando Yakíbm morreu, seu irmão mais novo, o solteiro chefe Tomhé, tomou uma das viúvas, Keprúk, como esposa, a qual trouxe para a família dois dos filhos do falecido marido, Ueón e Tam. Ela teve mais dois filhos com Tomhé: Uín e Tekrék. Contaram-me que Tomhé teria se casado com a viúva do irmão mesmo se já tivesse uma esposa. A segunda viúva de Yakíbm, Guág, com seus filhos Yapi-á e Kanthín, voltou para a casa do seu pai, Parák, e, assim como ele lhe sugeriu, não se casou novamente.<sup>30</sup> Das esposas de Muí', somente Nya sobreviveu a ele. Ela se casou com o meio-irmão mais novo dele, o solteiro chefe Krenbá. Com Muí' ela teve uma filha, Sebastiana, e um filho com Krenbá, João.

O levirato não é compulsório, ou seja, não é obrigatório:

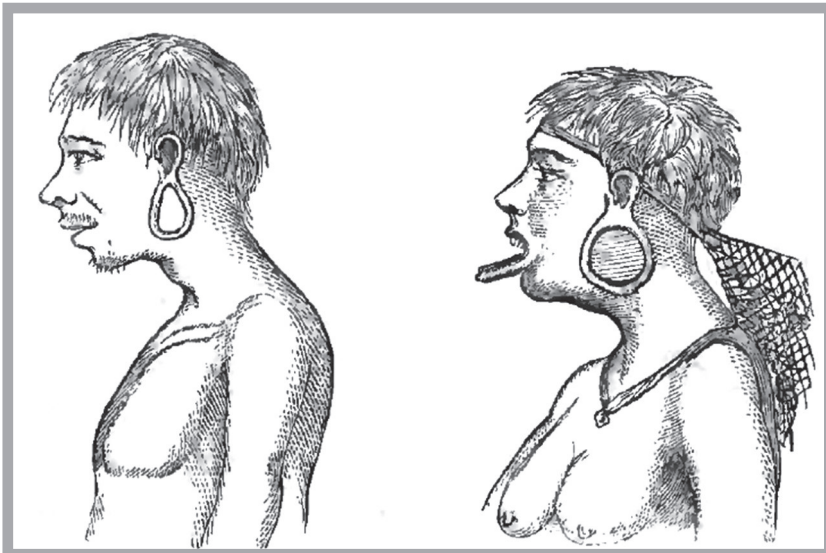
A segunda viúva de Yakíbm não se casou novamente, enquanto ambas as viúvas de O'ráñ se casaram com homens não aparentados ao falecido, apesar de ele ter um irmão mais novo, Hąát.

---

<sup>30</sup> Manizer (*op. cit.*, p. 261) apresenta um relato diferente sobre o destino da segunda viúva: "*Kwak, qui devint femme de Krenak (père du défunt) après uma longue ré-sistance. Elle alléguait à Mouni et Kristino, qui la voulaient persuader, qu'elle ne pouvait devenir sa femme après avoir été sa bru.*" Em português [N.T.]: Kwak se tornou esposa de Krenak (pai do falecido) após uma longa resistência. Ela alegava a Muí' e Cristino, que queriam convencê-la, que ela não podia se tornar sua esposa após ter sido sua nora.

Meu intérprete Nakrehé, Jorge, me contou que, na presença de sua esposa, tinha permissão para “brincar” quanto quisesse com a irmã mais nova dela, solteira. Isso só fazia sua esposa rir, ao passo que ela se ofenderia com tamanha intimidade dele com qualquer outra moça.

Os Botocudos não parecem ter nenhuma noção de relações de evitação dos sogros.



Homem e mulher Botocudos, por Charles Frederick Hartt (1870:581)



## MARÉT E MAGIA

Vive no céu uma numerosa raça de espíritos invisíveis aos mortais comuns, os quais chamam de *tokón*. Os próprios espíritos concedem aos outros o poder de vê-los e de se comunicarem com eles. E eles são chamados de *marét* por essas pessoas favorecidas.

Hañát crê que os *marét* têm forma e tamanho normais de índios, mas, de acordo com Raulino, os *marét* são uma cabeça mais baixos que os índios. Há machos e fêmeas, adultos e crianças. No céu, eles vivem no luxo e na fartura, pois possuem de tudo que os “portugueses”, isto é, os neo-brasileiros, possuem, sem que tenham que trabalhar para isso. Eles não ficam doentes nem morrem.

Os *marét* são gentis e solícitos com os humanos e jamais se irritam. Houve um tempo, no passado, em que os índios não precisavam trabalhar, visto que os *marét* lhes davam tudo que necessitavam. Tudo o que se tinha que fazer era recorrer a uma das pessoas favoritas escolhidas que tinham relações com eles, então eles enviariam o benefício desejado por meio dela. Para caçar, não era necessário que se fizesse grande esforço: o intermediário pedia aos *marét* por caças e eles as enviariam. Por isso os antigos índios não praticavam magia para caçar. Da mesma forma, era delegada aos *marét* a tarefa de plantar uma roça. No máximo, os índios limpavam o terreno e iam embora. Ao retornarem, encontravam a colheita madura.

Essas concepções são ilustradas por uma série de episódios.

Um homem com grande poder sobrenatural limpou o terreno e queimou o solo. Em seguida, chamou sua esposa e

juntos se foram para outra área. “Você não vai plantar na roça? Por quê?” perguntou ela. “Não”, ele respondeu, “não necessito plantar nada!” Então eles partiram. Após alguns meses, o homem enviou um parente de sangue de seu bando para inspecionar o terreno. “Para que você o está enviando à roça”, contestou a esposa, “se você não plantou nada?” Quando o mensageiro chegou à roça, ele a encontrou repleta dos mais variados frutos, todos crescendo da mesma árvore. Ele levou de volta consigo cinco espigas de milho. Quando a mulher os viu, ficou maravilhada, mas o marido lhe disse, “Você vê, minha esposa, eu não lhe disse?” Os *marét* haviam plantado na roça do homem.

Yakíbm tinha grande poder sobrenatural. Certa vez, ele e seu povo estavam morrendo de fome na mata. As pessoas imploraram que ele pedisse comida aos *marét*. Então Yakíbm cantou para os *marét*, adentrou a floresta sozinho e voltou trazendo todo tipo de mantimentos. Porém as pessoas não acharam a comida nada saborosa. Assim, quando os *marét*, através de Yakíbm, perguntaram aos índios se eles queriam mais, eles recusaram.

Uma mulher e seu filho de seis anos foram à mata. Não tinham nada para beber e queriam colher frutas. A mulher colheu frutas de caraguatá e as descascou para poder levá-las para casa. Em seguida, ela foi para outro lugar, onde havia frutos de *yakítáig* (cansanção). De repente o garoto disse, “Veja só, mãe!” No meio da floresta, havia uma pilha de abóboras. Não havia roça alguma perto ou longe dali, apenas mata fechada. “Eu me pergunto quem trouxe essas abóboras para cá”, disse a mulher. “Vou levar algumas para casa agora mesmo!” Encheu sua rede e levou sua descoberta embora para a aldeia, onde contou como havia conseguido. “Foram os *marét*”, disseram as pessoas, “vamos lá buscar um pouco também!” Todos buscaram as abóboras e as comeram. No começo, es-

tavam um pouco receosos de que a comida lhes fizesse mal, mas nada aconteceu.

Rignbrú'k, filho de Entán, disse, “Pai, eu gostaria de fumar.<sup>31</sup> Como você tem relações com os *marét*, então peça-lhes tabaco para mim.” À noite, Entán se sentou e cantou. Pediu tabaco aos *marét*, que lhe prometeram trazer um pouco na manhã seguinte. Ao amanhecer, eles lhe enviaram, para experimentar, primeiro um novo cachimbo vermelho, cheio de tabaco. Rignbrú'k o acendeu e achou o tabaco excelente. As pessoas agora desejavam ver uma folha dessa espécie. Então Entán trouxe dos *marét* uma folha de tabaco tão grande quanto uma de bananeira. Quando todos haviam se maravilhado com ela, ele a devolveu aos *marét*. Em toda a região, não havia tabaco.

Uma mulher disse: “Quero ir à floresta sozinha buscar mel, mesmo não possuindo um machado de ferro.” Encontrou uma colmeia na metade de uma árvore e se pôs a cortar a cavidade com um machado de pedra. Logo ouviu uma voz atrás de si dizer: “Tome este machado de ferro!”. Ela gritou alarmada e se virou assustada: era uma *marét* estendendo um machado de ferro em sua direção. Tomada pelo medo, ela saiu correndo para contar em casa sobre o incidente. Quando as pessoas ouviram a história, disseram que ela havia sido tola de fugir. Eles retornaram ao local, mas o *marét* não estava mais lá.

Os Botocudos traduzem a palavra *yikégn* para o português como “forte”. Como dito acima, todos os líderes Botocudo eram *yikégn*, mas nem todo *yikégn* era líder. Hanát me contou como o chefe seguinte, Biyá'n, se tornou *yikégn*.

Biyá'n pegou suas armas e foi sozinho caçar na floresta. Naquela época, ele ainda não possuía poder sobrenatural. Na

---

<sup>31</sup> Note que, segundo Maximilian, os Botocudos aprenderam a fumar com os brancos (Maximilian von Wied-Neuwied, *Reisenach Brasilien in den Jahren bis 1817*, 2 vols., Frankfurt am Main, 1821; vol. 2, p. 34). Manizer os encontrou ávidos por tabaco, mas acrescenta que eles não o plantavam (*op. cit.*, p. 260).

mata, encontrou um grande número de *marét*. Eles o agarraram, o jogaram para cima no ar, o pegaram novamente e brincaram de peteca com ele. Ao fim, um dos *marét* disse que aquilo já era suficiente e que eles haviam agido daquela forma apenas para dar poder a Biyá'n, que foi para casa atordoado, se deitar. Então ele começou a cantar. Depois disso, retornou à mata e os *marét* lhe trouxeram vários abacaxis bem grandes, que ele distribuiu entre seu povo. Posteriormente, um dia, os *marét* até o levaram consigo à grande casa deles no céu.

Além da habilidade de comunhão com os *marét*, as pessoas *yikégn* têm o súbito poder de transformarem a si mesmas e aos outros. Isso é ilustrado com as histórias seguintes.

Um homem foi à floresta caçar. Matou um bugio, mas ele continuou pendurado em um galho no alto da árvore. Retornou à sua casa e contou ao filho que ele havia deixado o macaco na árvore. Então o filho implorou ao pai para deixar que ele o acompanhasse à mata para buscar a caça. Quando o garoto viu o macaco no galho da árvore, disse ao pai que subisse na árvore e jogasse o animal, mas o homem alegou que o tronco era fino demais para ser escalado. Porém o filho continuou insistindo até que o pai finalmente subiu na árvore. Lá no topo, ele cortou o bugio em pedaços e os jogou para baixo, um a um. O filho pediu que ele atirasse o animal inteiro, mas o pai não lhe deu ouvidos. De repente, o tronco da árvore começou a inchar e os galhos a tremer. Logo o homem se transformou em um gavião-real, suas flechas viraram garras e saiu voando com um sonoro silvo. O filho juntou os pedaços de carne e os levou para casa.

Um garoto disse ao pai, “Vá caçar e mate um macaco para mim!”<sup>32</sup> O pai não estava disposto a caçar, mas o garoto não o

<sup>32</sup> Vale a pena lembrar que, segundo Maximilan (op. cit., vol. 2, p. 29), macacos são a caça predileta desse povo.

deixava em paz. Então o homem perdeu a paciência e disse que lhe faria um macaco. “Quero só ver”, disse o garoto. Assim o homem bateu com a mão no chão em frente ao garoto e acenou. Imediatamente um macaco apareceu. O homem o matou, assou e deu para o garoto comer. Ele ordenou que o garoto juntasse todos os ossos. O homem não comeu um pedaço sequer do animal. “Como você consegue fazer macacos?”, perguntou o filho. “Em breve você verá”, disse o pai, “fique em pé ali ao lado dos ossos!” Quando o filho se posicionou, o homem bateu novamente com a mão no chão e acenou. Então todos os ossos entraram no corpo do garoto e ele se transformou em um macaco. Logo após ele subiu na árvore, enquanto sua mãe, em vão, lhe suplicava que descesse. Ele fugiu para a mata. Então o homem transformou a mãe em um pequeno mamífero (*dyehém* ?) parecido com um gambá.

No começo, apenas o casal Lagarto vivia na terra. Seus filhos não tinham boca, mas comiam pelo ânus. O senhor Lagarto queria mudar isso, então foi até a floresta. Quatro dias depois, ele voltou com muitos ovos de jaó (segundo Raulino, ovos de mutum). Ele os colocou em fileira no chão e reuniu todas as crianças em um círculo ao redor deles. Ordenou que as crianças gritassem apenas quando os ovos estivessem eclodindo. Na verdade, quando isso aconteceu, todas elas gritaram, pois haviam adquirido bocas de repente. Assim o senhor Lagarto disse às crianças, “Eu os transformei, agora vocês devem nos transformar.” Ele e a esposa se deitaram de barriga para baixo e permitiram que as crianças os pintassem. Dessa forma, eles se tornaram lagartos.

Aqueles que são *yikégn* podem pedir aos *marét* por remédios contra as doenças e podem, inclusive, adquirir o poder de ressuscitar os mortos. Amhioniō’ e sua esposa tiveram muitos filhos, dentre os quais uma filha que eles amavam acima dos demais. Ela morreu. Enquanto o corpo ainda estava na cabana,



o pai pediu que fossem chamar Tomhé, que era muito *yikégn*, e lhe suplicou que reavivasse a garota. Tomhé pediu um pouco de tabaco e o segurou abaixo do nariz do cadáver. Cantou e, alguns instantes depois, a menina se levantou, viva e passando bem. Ela pediu ao pai que pagasse bem Tomhé, pois ela havia mesmo morrido. Amhioniõ' pagou a Tomhé um grande rolo de tabaco.



Botocudos. Cachoeiro de Sta Leopoldina (ES), 13.07.1909, por Walter Garbe.  
Acervo: Biblioteca Nacional Digital (Rio de Janeiro, Brasil)

A maneira como os *marét* se preocupam com o bem da alma de um indivíduo após sua morte será descrita abaixo.

Hoje não restou um *yikégn* sequer.

O termo *yoŋkyón* se aplica a um poste de três metros de altura com a grossura da coxa de um homem. A madeira é pau-bálsamo,<sup>33</sup> cujo cerne é vermelho e cujo albúrnio é branco. No topo, o poste termina em uma imagem humana, com cerca de um metro de altura, a qual é entalhada de tal forma que o corpo liso e cilíndrico é feito no cerne vermelho, enquanto a cabeça e os tocos dos braços e das pernas são feitos no albúrnio branco. O rosto, sempre voltado para o leste, é pintado com linhas vermelhas com urucum.

As estátuas representam os *marét*. Elas indicam os locais dentro das aldeias onde os *marét* descem do céu afim de ouvirem as preces quando um de seus protegidos lhes canta. Na aldeia dos Thovúgn e dos Nakpie – que agora é o Posto Guido Marlière – o chefe Muĩ´ ergueu uma dessas estátuas na parte dianteira, como ordenado pelos *marét*. Sempre quando Muĩ´ cantava em frente à estátua, à tarde, todos os moradores da aldeia, pintados de vermelho, se juntavam em um círculo ao seu redor. Então, desde às seis horas até a meia-noite, os *marét* desciam do céu e se reuniam perto da estátua, porém ninguém os via, a não ser Muĩ´. Por meio de seus cantos, ele os induzia a zelar pela aldeia de modo que nada de ruim acontecesse aos moradores. Sempre quando Muĩ´ cantava, ele se dirigia à estátua. Entretanto, os *marét* não estão dentro da *yoŋkyón*, mas ficam invisíveis, ao lado da estátua e depois retornam ao céu.

Após a morte de Muĩ´, a estátua caiu. Quando, mais tarde, a grama no local foi queimada, os filhos de Muĩ´ - Pak e Mbog-

<sup>33</sup> O Professor A. R. Davis me informa que se trata da espécie *Myroxylon toluiferum* H. B. K., um membro das *Leguminosae*. [R. H. L.]

mám – viram que, na medida em que as chamas se aproximavam da estátua caída, veio uma tempestade e as afastou. Então eles apagaram o fogo e, mais uma vez, levantaram a estátua. Ela permaneceu em pé no lugar até que o autor paraguaio Martin Barrios, durante sua estadia no posto, mandou derrubá-la para que a levasse consigo.<sup>34</sup>

Na aldeia Krakatán, há muito tempo abandonada, no alto Rio Mucuri, havia três *yoŋkyón* – pai, mãe e filho. Elas perduraram até pouco tempo, quando foram provavelmente destruídas por neo-brasileiros.

Vendo meu interesse pelo assunto, Hąnát e Mbogmám fizeram uma estátua para mim, tendo sido Hąnát quem entalhou a última *yoŋkyón* no Guido Marlière. Eles me perguntaram o que eu pretendia fazer com ela. Quando respondi que a colocaria em frente à minha casa, no Pará, mandaram que eu a colocasse voltada para o leste. Lamentaram muito não poderem me acompanhar para proferir os cantos necessários à ocasião, os quais somente eles ainda sabiam.

Os *marét* têm um chefe, o mais velho de todos eles. Mbogmám o chamou de *Yekán kren-yirúgn* (Pai Cabeça Branca), enquanto Hąnát o chamou de *Borúŋ kren-yirugn* (Índio de Cabeça Branca) ou *Borúŋ yipakyúe* (o Grande Índio). Raulino o chamou de *Borúŋ makniá'm* (Índio Velho). Ele mora no céu, mas separado, de alguma forma, dos *marét*. Ele nunca desce à terra e, segundo aqueles dois informantes, ninguém nunca o viu cara a cara. Raulino, no entanto, contou que, antigamente, algumas pessoas haviam tido contato direto com ele.

*Yekán kren-yirúgn* possui muitos animais domesticados (*dupréŋ*). Quando eles tomam banho no céu, espirram água e, assim, a chuva cai na terra.

<sup>34</sup> Tudo leva a crer tratar-se do dramaturgo paraguaio, Francisco Martin Barrios (1893-1939), que chegou a viver alguns anos no Brasil. [N.R.]

É *Yekân kren-yirúgn* que controla todos os remédios contra as doenças aqui embaixo. Se alguém está doente, as pessoas chama um homem *yikégn* para cantar à tarde – horário apropriado para a comunicação com os *marét* – e os espíritos ouvem. Eles vão até o chefe, *Yekân kren-yirúgn*, e lhe pedem os remédios para darem ao protegido, que os administra ao paciente.

Se alguém cometeu um assassinato, *Yekân kren-yirúgn* leva sua alma embora e a aprisiona no céu. O corpo do culpado continua vivendo aqui embaixo, mas vai se tornando doente e fraco. Assim conta Muĩ', que tinha visto almas aprisionadas no céu.

Apesar de todas as minhas perguntas, meus três informantes foram incapazes de me dar mais informações sobre esse chefe dos *marét*. Negaram ter qualquer conhecimento a respeito das características atribuídas por Manizer ao *Marét-khmakniam*, que corresponde ao *Yekân kren-yirúgn*, ou a respeito de sua esposa, chamada *Marét-jikky* pelo etnógrafo russo.<sup>35</sup>

---

<sup>35</sup> Manizer (*op. cit.* p. 267-270) descreve o espírito chefe como sendo um palmo mais alto que a altura comum de um homem e tendo um imenso membro, fatal às mulheres. Sua cabeça é toda branca, enquanto seu rosto e seus olhos são cobertos por um pelo vermelho. Ele envia as chuvas e as tempestades, mas é gentil com os índios e se irrita quando eles são maltratados. Foi ele quem instituiu o uso de botoque na boca e na orelha, e algumas das músicas são suas.

## ALMAS E FANTASMAS

### *Almas*

Todo adulto tem uma série de almas (*nakandyúŋ*), sendo que algumas pessoas chegam a ter até cinco ou seis. No entanto, apenas uma delas reside no corpo, enquanto as outras permanecem por perto. Se uma pessoa inicia uma jornada, várias *nakandyúŋ* a antecedem e outras a seguem. Uma criança ganha sua primeira *nakandyúŋ* aproximadamente aos quatro anos de idade e, aos poucos, vai adquirindo as demais. *Antom-brõ* é quem traz a alma, a insere no corpo e lhe aconselha como deve se comportar. A respeito de *Antom-brõ*, pude descobrir apenas que vive nas proximidades da região conhecida como *Nak-îrám*. Ele não deve ser confundido com *Yekân kren-yirúgn*. Durante o sono, as *nakandyúŋ* saem do corpo e, assim, têm suas próprias experiências (os sonhos). A perda da *nakandyúŋ* provoca doença.

Hãnat foi à floresta caçar. Encontrou dois macacos sauás (*mbrukî'k*), os matou e os levou para casa. Chegando lá, ele desmaiou. Então, surgiram várias fêmeas sauá disfarçadas de belas moças querendo levá-lo embora, mas ele se opôs. Logo ele ouviu o assobio estridente dos *marét* em seu ouvido e, depois disso, as macacas o deixaram em paz. Contudo, ele ficou doente, pois elas lhe haviam raptado a *nakandyúŋ*. Elas voltaram sob forma humana e zombaram dele. Ao menos três *marét* apareceram na porta da casa. Eles expulsaram as macacas e levaram Hãnat para sua terra no céu, onde lhe devolveram sua alma. Também lhe deram uma bebida, assim ele recuperou toda sua saúde.

Uma garota chamada Pãgãŋ gostava muito de carne de cutia. Certa vez, ela comeu uma cutia que era, na verdade, um *manyakeyĩ'* transformado. Os *manyakeyĩ'* são pessoas que vi-



vem no sul, em casa semelhantes àquelas dos portugueses. O corpo de Pąngąn permaneceu onde estava, mas o *manyakeyi'* levou sua *nakandyúŋ* e a trancafiou. Então o corpo da garota começou a adoecer. Quando sua mãe notou aquilo, mandou chamar Kadnyék, que era *yikégn*: ele foi ver o que poderia ser feito. Kadnyék foi até os *manyakeyi'* e viu a alma de Pąngąn presa. Ele a chamou sob o pretexto de que queria lhe mostrar algo e a raptou em um automóvel (*sic*). Ele a levou para casa e permitiu que entrasse no corpo de Pąngąn. Assim ela se recuperou.

Antes do corpo morrer, a *nakandyúŋ* morre dentro dele. Quando Muĩ' estava sofrendo de sua última doença, disse que havia visto sua *nakandyúŋ* morrer e os *marét* a enterrando. E então ele sabia com certeza que estava prestes a morrer. Pouco tempo depois, seu presságio se confirmou.

As outras *nakandyúŋ* da pessoa morta acompanham o cadáver até o túmulo e pairam, invisíveis e chorosas, acima dele. Elas deixam de se alimentar e acabam por morrer caso os *marét* não se apiedem delas e as levem para a terra *Nak-ĩram*, o País Branco, no céu. Elas nunca mais retornam de lá, onde nenhuma pessoa viva é capaz de chegar. Elas não têm qualquer significado para os vivos.

Uma ressurreição não devida a um *yikégn* foi descrita como segue:

Um homem, sua esposa e seus três filhos viviam isolados das outras pessoas. Ele ficou gravemente doente e morreu alguns dias depois. Sua esposa chorou muito por ele, um dos filhos o enterrou e então todos se mudaram<sup>36</sup>. Certo dia, um dos filhos retornou ao túmulo do pai e lá encontrou um porco selvagem louco. O filho quis matar o animal, mas o porco começou

<sup>36</sup> Maximilian (*op. cit.*, vol. 2, p. 56) fala sobre o rápido enterro de uma pessoa morta realizado dentro ou perto da cabana, que é abandonada em seguida.

a falar como um humano: “Não me mate, sou seu pai!”. Depois disso, ele tomou forma humana. “Eu voltei”, disse o homem ressuscitado, “os porcos selvagem me trouxeram de volta do mundo dos mortos.” Então o filho quis ver os porcos selvagens. Seu pai chamou, e um porco selvagem apareceu. Logo, ele fez com que o filho matasse o animal. Em seguida, o pai perguntou onde sua família estava vivendo agora e ambos foram para casa levando a caça. O homem deixou que sua família comesse o porco, mas ele não comeu um pedaço sequer. Ele aconselhou o filho a não matar cobras caso ele encontrasse alguma enquanto estivesse viajando.



Botocudos. Casal sobrevivente. Cachoeiro de Sta Leopoldina (ES), 13.07.1909, por Walter Garbe. Acervo: Biblioteca Nacional Digital (Rio de Janeiro, Brasil)

## ***Fantasmas***

O *nandyóη* (fantasma, aparição) se forma a partir dos ossos do cadáver, isto é, o *nandyóη yuka-krinã'* se forma dos ossos frescos tão logo a carne tenha se putreficado, ao passo que, dos ossos velhos, se forma o *nimhiã nié*, reconhecível por seu cabelo comprido, o qual cresce em estirões.<sup>37</sup> Outras formas de *nandyóη*, segundo Raulino, são o *nandyóη-rōn* (*nandyóη* comprido) e o *nandyóη-him* (*nandyóη* preto).

Os *nandyóη* moram em *kiyém pará'dn*, que fica embaixo da terra, onde o sol brilha enquanto é noite sobre a terra. Lá os *nandyóη* passam sua existência mais ou menos como vivem os seres humanos. Os *marét* não permitem que eles retornem permanentemente à terra e os expulsam assim que aparecem. Contudo, ocasionalmente, os *nandyóη* aparecem para os vivos. A não ser que a pessoa que vê a aparição a mate corajosamente ou, ao menos, a golpeie violentamente, essa pessoa pode morrer. Por essa razão, especialmente as mulheres estão em perigo no caso dessas aparições. Entretanto, na primeira das histórias a seguir, uma mulher tem um encontro do tipo sem sofrer consequências ruins. Um fantasma assassinado se dissipou instantaneamente.

Certa vez, uma mulher disse ao marido: “Fique aqui, estão me chamando para ir até a floresta!” Quando ela seguiu o chamado, encontrou os *nandyóη* na mata. Eles pintaram a mulher com um pigmento preto. Quando ela regressou, contou ao marido, “Este é o vestido que os *nandyóη* me deram.” Ela era capaz de pôr e tirar a pintura como se fosse um vestido.

Certo dia, um grupo de índios encontrou caçadores de uma tribo hostil na floresta. Eles lutaram e mataram um deles. Algum tempo depois, um homem do mesmo bando foi caçar. Ele disse à

<sup>37</sup> No original: *progresses by lengthy jumps*. [N.R.].

esposa que ficaria fora por três ou quatro dias; enquanto isso, ela deveria dormir com a mãe. Mais uma vez, o homem encontrou os mesmo inimigos, que o mataram. Passados os quatro dias, a mulher decidiu dormir na sua própria cabana e esperar pelo marido lá. Na escuridão da noite, o *nandyóη* dele veio até ela na cabana. Ele se deitou e disse “Tire meus piolhos”. Ela avivou o fogo e deitou a cabeça do fantasma em seu colo, percebendo que estava repleta de lêndeas. Então a mulher se deu conta de que se tratava do fantasma do marido. Imediatamente ela caiu morta e o *nandyóη* desapareceu.

Havia uma mulher cujo marido havia sido morto. Ela deixou os filhos em casa e foi à mata colher inhame. Ela fez uma pilha com as raízes que havia colhido e foi com sua rede até a montanha para colher mais por lá. Quando voltou com seu carregamento, ouviu vozes no local onde havia deixado os inhames. Lá estavam dois *nandyóη*. Eles haviam acendido um fogo e estavam prestes a assar as raízes. Quando a viúva apareceu, eles a prenderam e a golpearam. Ela se arrastou até em casa, contou aos filhos o que havia acontecido e morreu pouco depois.

Um homem foi a um penhasco para colher caraguatás, pois estavam crescendo no alto. Ele deixou seu arco e suas flechas encostados no penhasco e o escalou. Após haver colhido caraguatás suficientes, desceu com seu carregamento. Então avistou à sua frente um *nandyóη* fêmea manuseando suas armas. Ela colocava uma flecha atrás da outra na corda do arco tentando atirar no homem, em vão. Então ele se irritou. “Por que você está brincando com as minhas armas?”, gritou. Ele quebrou um galho, com o qual bateu nela até que ficasse caída no chão. Então ele pegou seus pertences e foi para casa.

Havia um homem chamado Entáη. Ele disse à esposa: “Vamos até a floresta buscar um pouco de mel!” Ela respondeu, “Vá sozinho!”. Ele pegou seu machado e se foi. Procu-

rou por bastante tempo, até que encontrou uma colmeia no pé de uma árvore e se pôs a cortá-la para abrir. Então ele ouviu um chamado. Pensando que fosse sua esposa, ele respondeu. Afastou um enxame de abelhas que voava perto de sua orelha e ouviu. Logo viu que um *nandyón* havia chegado perto dele. Entã ficou envergonhado. “O que ele está procurando neste momento?” Ele cortou um galho e golpeou o fantasma. “Assim você não vai mais me incomodar quando eu estiver buscando mel”, disse ele. Em seguida, foi para casa e contou às pessoas que ele havia golpeado um *nandyón*. Então ele começou a cantar como um bugio. As pessoas estavam se perguntando o que estava acontecendo, mas ele disse, “Foram os *marét* que me ordenaram.” Depois ele foi até os *marét* na floresta, trouxe comida de lá e todos comeram.

O mesmo Entã saiu com muitos outros para caçar na floresta. Eles armaram acampamento para a noite e dormiram em um longa fila no chão, todos com os pés virados para o fogo. Entã estava deitado no meio deles. Ele acordou enquanto os outros estavam dormindo. Então escutou alguém se aproximando. Ele gritou chamando os demais, mas ninguém respondeu. Era um *nandyón*, que foi até o fogo, acendeu um pequeno pedaço de madeira e voltou para a mata. Entã não disse nada, mas decidiu matar o *nandyón* caso ele retornasse na noite seguinte. Ele fez um porrete para si, o colocou perto do lugar onde dormia e ficou acordado. Quando os outros haviam dormido, o *nandyón* apareceu novamente para buscar fogo. Assim que ele parou próximo à fogueira para acender o pedaço de madeira, Entã o derrubou com o porrete e o matou. Quando acaba o fogo dos *nandyón* no mundo dos mortos, eles buscam fogo na fogueira dos vivos.

Uma mulher disse ao marido: “Vamos nos mudar!”. Ele respondeu: “Então vá em frente!”. Ela arrumou suas coisas na rede e se foi. Tempo depois, o marido foi atrás dela. No ca-



minho, ele encontrou dois *nandyóη*. Logo, um deles o atacou, mas o homem lutou com ele e o arremessou para o lado. Então o outro gritou, “Segure-o firme! Não o deixe escapar!” O primeiro atacou novamente o homem, que o feriu com sua faca e o atirou para o lado. O primeiro *nandyóη* ficou caído morto no caminho, enquanto seu companheiro fugiu. Quando o homem voltou para sua esposa e lhe contou que havia matado um *nandyóη*, ela disse, “Os *nandyóη* são perigosos! Você matou um deles, agora, provavelmente, terá que morrer.” Porém nada lhe aconteceu.

Contrariamente aos Kamakã e aos Maxakali, os Botocudos não creem na tendência de que as almas dos mortos se transformem em onças comedoras de humanos. Somente após perguntar diversas vezes, pude ouvir a seguinte história:

Certa vez, um homem estava acampando com sua esposa na floresta. Ela pediu que ele a deixasse sozinha até que ela o chamasse de volta, alegando que ela queria se transformar. Ela se pintou e se transformou em uma onça, entretanto continuou humana dos ombros para cima. Então ela chamou o marido de volta e ele ficou surpreso com a transformação. “Como posso viver com você agora?”, perguntou ele. Ela o deixou esperando e correu para dentro da mata, onde matou dois porcos. Trouxe um para o marido e deixou o outro de lado, o qual devorou sozinha. Ela, então, continuou trazendo caças para a cabana, mas não permitia que o marido se aproximasse dela. Certo dia, também a cabeça dela se transformou na de uma onça. Agora ela era um animal por inteiro. Ela correu para um lugar na mata onde vários índios estavam acampados e os comeu todos. Um garoto que estava procurando pelo pai, que fazia parte do grupo, não encontrou nenhum resto deles e ficou completamente só na mata.

## CONCEPÇÕES DA NATUREZA

Em tempos remotos, não existia noite. Um homem desceu do céu e disse às pessoas: “Se vocês quiserem, podem me matar!”. Elas o mataram. A noite veio. Após um tempo, ele reviveu e o dia retornou. Ele subiu ao céu de onde viera e agora é o Sol.

Eclipses acontecem quando o Sol e a Lua brigam e se xingam. Então eles ficam pretos com raiva e vergonha.

O Sol é macho. A Lua grande (não a crescente) é macho – *munyá’k yekân* (Pai Lua) –, enquanto a Lua pequena é fêmea – *munyá’k yopúe* (Mãe Lua).

Meteoros luminosos são chamados de *hatarán-yokéa*, “cauda de arara”.

### **Origem das trovoadas**

Tarú (o Céu; não deve ser confundido com o Sol nem com *Yekân kren-yirúgn*) tinha uma esposa e uma filha, casada com Ngan-nhim. Naquele tempo, viviam sobre a terra. Tarú possuía uma pele de lontra, chamada *kriñ-pakyúe*, a qual guardava o segredo do mundo superior. Quando Tarú quis colher sapucaias<sup>38</sup>, levou a pele consigo e a pendurou. Seu genro também quis colher sapucaias e pediu a permissão para levar a pele consigo. Tarú finalmente lhe consentiu, mas o advertiu que limpasse o lugar ao redor de onde penduraria a pele. Ngan-nhim foi até uma sapucaieira e pendurou a pele, mas fez apenas uma pequena limpeza superficial ao seu redor. Subiu na árvore e se pôs a jogar as frutas para baixo, que caíam no chão

<sup>38</sup> As castanhas da *Lecythis ollaria*, contidas em cápsulas. “No topo da cápsula há um buraco circular, no qual uma tampa natural se encaixa perfeitamente. Quando as castanhas estão maduras, essa tampa se afrouxa e a pesada cápsula cai. Com a batida, as castanhas se espalham no chão” (H. W. Bates, *The Naturalist on the River Amazons*, 2 vols., London, 1863, vol. 1, p. 67).

da mata fazendo “pã-pã!”. Então a pele de lontra começou a se mover violentamente ao redor do tronco em que estava pendurada, se batendo contra as árvores e provocando um alto som de trovão. Uma grande tempestade se formou e a água começou a jorrar do solo abaixo da árvore. A tempestade surgiu rapidamente, mas Ngan-nhim não se importou. Ele continuou atirando mais e mais sapucaias, que caíam na água fazendo “tũ-tũ!”. De repente, ele notou que a água estava alcançando sua cintura, então se pôs a chorar e a gritar. A água levou Ngan-nhim e a pele de lontra para o céu. A pele permanece lá até hoje. Quando ela se move no céu, provoca os trovões e o transbordamento da água, então chove na terra.

No começo, não havia tempestades. O céu era tão próximo da terra que era possível entrar nele a partir da terra. Porém, naquele tempo, a terra e o céu se separaram.

## Água

(a) A grande cobra *Nyukuá'dn* é rainha das água e provoca as enchentes. Por meio do arco-íris, ela sinaliza à chuva para que caia (*nyukua'n-imbyégn*, “urina da grande cobra”).

(b) O único nessa terra que possuía água era Beija-flor (*holo-keyún*). Todos os outros só bebiam mel. Eles enviaram Mutum para seguir o rastro de Beija-flor quando ele foi se banhar, mas Beija-flor foi tão rápido que Mutum o perdeu de vista.

Certo dia, as pessoas se reuniram e acenderam uma fogueira. Irára Yopúdn veio por último, pois estava coletando mel. Em um baixo tom de voz, ele implorou “Deem-me água.” “Não há água aqui”, lhe responderam. Então ele ofereceu seu mel em troca de água a Beija-flor, que recusou a proposta. Enquanto todos ainda estavam ao redor da fogueira, Beija-flor disse “Vou me banhar.” Irara seguiu seu rastro, permanecendo

no seu encaço. Chegaram quase que ao mesmo tempo à água, que estava em um buraco na pedra. Beija-flor pulou para dentro da água. Logo em seguida, Irara também pulou, respingando água para todos os lados e, assim, se originaram os rios e riachos.<sup>39</sup>

### ***Origem do fogo***

Somente Urubu (*ambéa*) possuía fogo. Mutum (*pandyí*) se deitou no meio do caminho e se fingiu de morto. As moscas puseram seus ovos sobre ele e ele ficou repleto de larvas. Urubu desceu até ele trazendo fogo para assá-lo. Mutum, em voz baixa, disse às larvas, “Não rastejem para dentro dos meus ouvidos nem do meu nariz!” Urubu Filho se sentou por perto e, ao ver Mutum mexer os olhos, gritou, “Pai, ele não está morto, está mexendo os olhos!” “Não, ele está morto”, disse a velha ave, “está até cheio de larvas! Espere que em breve o devoraremos!” De repente, Mutum agarrou o pedaço de madeira com o fogo, pulou e fugiu. Urubu o perseguiu. Mutum foi até Garça e lhe pediu que escondesse o fogo. Garça o escondeu em sua rede e pediu à sua esposa que se sentasse sobre ela. Urubu procurou por todo lugar e, não tendo encontrado o fogo, acabou indo embora. Garça pegou o fogo e o lançou para todos os lados para que, assim, houvesse fogo em todo lugar. Quando Urubu viu aquilo, decidiu renunciar a posse do fogo por completo e, desde então, come sua comida crua.

---

<sup>39</sup> Dentre os Yaghan, Raposa é a acumuladora egoísta e Beija-flor descobre seu suprimento de água (Martin Gusinde, *Die Yamana*, Mödlingbei Wien, 1937, pp. 1207-1209). Compare com a seguinte narrativa Kaingang: “O beija-flor escondeu a água embaixo duma pedra para que os outros não pudessem beber. Disse: ‘Quero tomar água no céu.’ O Chekré, outro passarinho, achou a água e ‘pinçou’ fora a pedra” (Herbert Baldus, *Ensaio de Etnologia Brasileira*, São Paulo, 1937, p. 60).

## NARRATIVAS DIVERSAS

(a) Arara estava dando uma festa. Em certo momento, Morcego começou a discutir com Mutum, cunhado de Arara, mas saiu perdendo. Arara perguntou “Por que ele está discutindo com meu cunhado? Ele deveria se desculpar por isso.” Enquanto isso, as pessoas estavam dançando. Quando a festa acabou e Morcego estava voltando para casa, Arara se plantou diante dele bloqueando o caminho. Ela lutou com Morcego, o fez em pedaços e o deixou morto pelo caminho. Ela cortou o nariz de Morcego, pelo qual ele poderia ser reconhecido, e o pintou para que se parecesse com um mutum. Então os morcegos vieram, viram o cadáver e pensaram que fosse Mutum. “Está bem,” disseram, “nosso parente matou Mutum. Vamos comê-lo.” Assim fizeram uma fogueira, assaram seu próprio parente e o devoraram.

(b) Arara e sua esposa estavam andando pela mata procurando sapucaias. Procuraram por muito tempo até que, finalmente, encontraram uma árvore com frutos. Quando quiseram colhê-los, Urubu apareceu, tomou posse da árvore e espantou as araras. Arara disse, “Espere só para ver, eu me vingarei!” Então os cabelos dos urubus caíram – naquela época, eles ainda tinham longos cabelos – e eles se tornaram carecas.

(c) Antigamente, os animais era como os seres humanos e nenhum deles era cruel para com os demais. Veio um mágico e lhes deu toda a comida para que comessem. Então Irara teve a ideia de torná-los hostis uns para com os outros. Ela ensinou a cobra a morder, a matar e a mutilar suas vítimas. Ensinou ao mosquito a chupar sangue. Eles se tornaram monstros, assim como a própria Irara, de tal forma que ninguém a reconheceu.

Quando o mágico voltou, chamou esses animais para averiguar a situação, mas não havia nada que pudesse ser feito para reverter-la. Então o mágico se transformou em um pica-pau e seu machado de pedra se tornou um bico.

(d) Dentre os macacos, há alguns que são *yikégn* e levam uma vida dupla, ora como animais, ora como homens. Na realidade, eles são humanos, mas, geralmente, aparecem para outros seres humanos apenas sob a forma de animal.

Dois homens saíram para caçar. Escutaram o barulho de bugios e seguiram o som. Logo viram um imenso bugio correndo de um lado para o outro em um galho. Ambos atiraram várias flechas no animal, mas nenhuma sequer o atingiu. De repente, o bugio tomou forma humana. Ele possuía um arco e um molho de flechas em suas mãos. Quando novamente os caçadores atiraram nele, ele retrucou as flechadas, ferindo um dos caçadores no ombro. Então o outro disse: “Agora que ele feriu meu camarada, devo matá-lo a todo custo!” Ele mirou bem e, dessa vez, atingiu o bugio, que despencou. O caçador o matou e o deixou no chão, pois se sentiu obrigado a carregar seu camarada ferido para casa o mais rápido possível para poder tratar dele. Quando o homem ferido estava se recuperando, decidiu ir à mata para ver se o cadáver do bugio ainda jazia no mesmo lugar, mas não encontrou nenhum vestígio do animal. Entretanto, no lugar havia vários cacos de uma cerâmica que tinha contido comida.

Os bugios comuns comem frutas, mas aqueles que são *yikégn* comem o mesmo que os seres humanos.

(e) Um índio chamado Yatúŋ foi à mata caçar e encontrou um bando de macacos. Depois de selecionar o maior deles, atirou uma flecha no animal, mas o macaco a segurou com as mãos, virou-a e arremessou-a violentamente de volta na direção de Yatúŋ, que ficou seriamente ferido. Ele largou suas armas e se arrastou para casa, onde morreu pouco tempo depois.



(f) [Nota: Por pensar que os Botocudos pudessem compartilhar da mesma admiração supersticiosa da onça que os Kama-kã e os Maxakali, pedi diversas vezes ao meu informante Hanát que me contasse histórias sobre esse animal. No entanto, logo descobri que, na crença dos Botocudos, a onça não aparece de nenhuma forma como um ser sobrenatural. As narrativas deles não revelam o mesmo terror excessivo pelo animal indicado nas narrativas relevantes dos Kamakã. Exceto por um único caso, as narrativas são puramente sobre caça.]

Katnáp havia colhido larvas de *antóm* e queria comê-las. Então pediu a um parente algumas bananas para comer com o *antóm*, mas o parente se recusou. Assim Katnáp pegou seu arco e seus flechas e foi buscar bananas. Encheu de frutas a sua rede, a colocou nas costas e voltou para casa. No caminho, encontrou um ramo fino com três galhos saindo uniformemente do mesmo ponto. Ele o cortou a fim de usá-lo para fazer uma ponteira para sua flecha para pássaros (*monhëyá'k*).<sup>40</sup> Então uma onça, que o estava espreitando, pulou em sua direção. Katnáp largou sua rede, saltou para o lado e atirou uma flecha, mas, mesmo tendo sido atingida pela flecha, a onça não deu importância. Repetidas vezes, o animal pulou no homem, que sempre se esquivava e continuava atirando flechas até que a onça estivesse toda cravejada. Quando ele ficou sem flechas, a onça pulou na sua nuca e o matou. Ela comeu metade do homem, deixou o restante lá e foi embora.

Na manhã seguinte, não tendo Katnáp regressado, seus parentes enviaram um homem chamado Noḥ para procurá-lo. Ele encontrou o local da luta, a rede de Katnáp e seu cadáver. Quando retornou e relatou o que tinha acontecido, todos os parentes se juntaram e saíram com cachorros para matar a

<sup>40</sup> Muitas culturas indígenas caçadoras fabricam uma (ponta de) flecha especial para caçar pássaros. Algumas, como os Kaingang, possuem uma ponta própria para a caça de aves pequenas e outra para aves grandes. [N.R.]

onça. Os cachorros encontraram o rastro dela e a impeliram para um cerco. Eles a atacaram até exaurirem suas energias. Então o mais forte dos homens pulou nas costas do animal e feriu suas pernas. Todos os índios ajudaram a derrotar a onça e a amarraram viva. Logo construíram uma grande fogueira e a queimaram viva.

Um parente de Katnáp espancou o homem que tinha se recusado a dar bananas a Katnáp e lhe roubou a esposa.

(g) Beréj foi à mata, caçar. Ele tinha pintado suas flechas com urucum a fim de torná-las mais eficazes. Ele chegou a um local onde uma anta tinha se alimentado na noite anterior. Enquanto olhava para os rastros, uma onça apareceu e pulou sobre ele. Várias vezes Beréj se esquivou dos ataques. Ele atirou flechas duas vezes em direção à onça e a feriu. Então ele subiu em uma árvore. O animal ferido rodeou a árvore inquieto até que finalmente se foi. Após um tempo, Beréj desceu da árvore e seguiu as pegadas da onça. Logo avistou a onça deitada no chão. Então ele subiu em uma árvore e esperou até que as moscas empestassem o animal para ter certeza de que estava morto. Beréj desceu e chamou seu povo para ir até lá. Eles tiraram a pele da onça e comeram a carne.

(h) Um homem foi à mata colher caraguatás. Ele chegou a uma clareira, onde havia apenas uma árvore de jaracatiá cheia de espinhos.<sup>41</sup> Logo apareceu uma onça e pulou na direção dele. O homem se esquivou, mas o animal continuou pulando. O índio gritou o mais alto que pôde. Procurou ao redor por uma árvore em que pudesse se salvar, mas a única árvore à vista era aquele jaracatiá. Então o homem subiu no jacaratiá ignorando seus espinhos. A onça se deitou no pé da árvore e esperou. O homem atirou galhos em sua direção, mas ela permaneceu lá. Finalmente um outro homem respondeu ao chamado do índio

---

<sup>41</sup> *Jaracatia spinosa*. [N.R.]

em perigo. Então a onça se levantou e seguiu a outra voz, assim o homem desceu da árvore e foi para casa.

(i) Pogné foi à mata armar uma emboscada próximo a uma pitangueira, esperando para caçar animais que viessem se alimentar das pitangas que tivessem caído do pé. Enquanto esperava, ele foi atacado por uma onça. Ele se esquivou dos saltos dela diversas vezes até que encontrou refúgio em cima de uma árvore, mas ela estava seca e o tronco se rompeu com o peso de Pogné. Ele berrou bem alto enquanto caía em direção ao chão junto com a árvore. A onça, ficando desconfiada, fugiu. Pogné foi para casa.

(j) Um índio estava na mata caçando sozinho. Ele notou uma multidão de índios desconhecidos embaixo de uma gameleira. Eles eram os canibais Tombrék. O chefe deles estava ausente. Quando o caçador se aproximou, eles o capturaram, o mataram, abriram seu corpo e as mulheres retiraram suas entranhas, as quais elas levaram ao córrego para lavar enquanto os homens dissecavam o corpo.

Logo o chefe retornou. Ele examinou a cor da pele do homem morto, que era negra, e disse, “Por que vocês o mataram? Ele é um mulato!” [O chefe não queria que seu povo matasse mulatos, mas apenas brancos.]

Em seguida os Tombrék disseram, “Você é tão poderoso, então traga-o de volta à vida!”

Assim o chefe os fez trazer de volta as entranhas do homem e depositá-las perto dos pedaços de sua carne. O chefe cantou, logo o homem se levantou e ficou de pé. Depois o chefe o mandou embora; então o homem pegou seu arco e foi para casa.

(k) Um homem estava andando pela floresta com seu filho quando encontraram os Poyekrégn, que raptaram o garoto. O pai voltou sozinho para casa. A família lhe disse “Você deveria tentar trazer o garoto de volta.”

Então o homem voltou à floresta. Ele colheu muitas florezinhas e se enfeitou com elas. Depois ele se deitou próximo ao caminho dos Poyekrégñ. Eles estavam vindo, o garoto ao centro deles. Eles tinham pintado todo o corpo do garoto de preto com jenipapo. O garoto viu as flores e pediu permissão para colhê-las. Quando ele se aproximou, o pai o pegou pelo braço e o levou para casa. O pai o lavou até que todo o pigmento preto desaparecesse.

MUSEU PARAENSE  
BELÉM DO PARÁ, BRASIL

Essa obra foi composta em  
Times New Roman, IPA Kiel e Zurich CN BT  
para a Fundação Nacional do Índio – Funai, por  
Rosane Guedes (rosaneguedesgravina@gmail.com)  
e dela foram impressos 200 exemplares por  
Gráfica Bueno Teixeira (Valinhos, SP)

ISBN 978-85-7546-058-0



9 788575 460580

**Programa de Revitalização  
das Línguas Indígenas  
no Estado de São Paulo**

**INDIOMAS**

Conhecimento de Línguas Indígenas e Línguas de Sinais

UNICAMP



**kamuri**

Indigenismo e Sustentabilidade

